

MANIFESTO

(Português)

Nota do Tradutor

MANIFIESTO é um documento redigido em 1981 por Eduardo Bonnín e Francisco Forteza “com o objectivo de tentar esclarecer as origens do MCC e explicar alguns dos pensamentos iniciais... documento longo a que não se tem dado a atenção que merece... considerado pelos dirigentes maiorquinos do MCC um dos mais importantes documentos disponíveis...” são afirmações que podem ler-se na introdução a uma tradução para língua Inglesa.

Surgindo em muitas Escolas de Dirigentes o desejo de fidelidade ao “carisma fundacional” tem *Manifiesto* merecido, noutros países, algumas atenções, nestes últimos tempos.

Tendo vivido o meu primeiro Cursilho já em 1968 e com alguma permanência na Escola de Dirigentes, estamos, em meu entender, demasiado agarrados ao livro *Ideias Fundamentais do MCC*, como se de *Livro Único* (de outros tempos) se tratasse. Tendo feito o curso liceal no tempo do *Livro Único*, tive a felicidade de ter tido pelo menos dois professores que me ensinaram a estudar para além do *Livro Único*. Tarefa apaixonante e entusiasmante. Não isenta de espinhos em dia de exames...

A tradução que se segue foi revista por um conceituado Professor de Português que me pediu anonimato e a quem estou muito grato. Sem a sua preciosa ajuda não me teria atrevido a tornar pública a tradução.

Se ao menos um cursilhista ler esta tradução e sentir o desejo de conhecer outros documentos e der a sua mão para “acordar o gigante adormecido”... bendito seja Deus que me ama e te ama a ti, tal como somos.

Entroncamento, 13 de Julho de 2004.

CURSILHOS DE CRISTANDADE, REALIDADE AINDA NÃO REALIZADA

Eduardo Bonnín

Francisco Forteza

(Manifesto – Maiorca 1981)

Introdução

(Elaborada e subscrita pelo Secretariado Diocesano dos Cursos de Cristandade de Maiorca)

Ao prefaciar o texto “Cursilhos de Cristandade, realidade ainda não realizada”, sente o Secretariado Diocesano dos Cursos de Cristandade de Maiorca a gozosa obrigação de recordar que somos os herdeiros directos daquele primeiro secretariado que foi constituído no Mundo, em 1954, pelo então Bispo de Maiorca, Monsenhor Hervás e que tinha como Delegado Episcopal Don Pedro Rebassa, como Director Espiritual Don Juan Capó, como Presidente Pedro Salas, como Vogal de Homens Gabriel Estelrich e como Vogal de Jovens Eduardo Bonnín.

Aquele Secretariado foi um acontecimento fundamental na História dos Cursos. Significou a libertação do Movimento da alçada da Acção Católica, fermento primeiro e abrigo até então dos iniciadores dos Cursos. Significou também, pela sua ligação com a hierarquia e pelo seu funcionamento autónomo, que a Igreja reconhecia e assumia o MCC na sua integridade e com a sua singularidade específicas. Era uma nova expressão do apoio que Monsenhor Hervás dera, desde a sua chegada à ilha, às inquietações dos leigos que posteriormente se relatam em novo texto de Bonnín-Forteza.

A presença pastoral e o apoio humano e doutrinal do Doutor Hervás foram tão decisivos nas primeiras horas como o seriam depois os seus documentos e, muito especialmente, a sua carta pastoral “Os Cursos de Cristandade Instrumento de Renovação Cristã”.¹

Este apoio visível da Igreja aos Cursos, desde os seus primeiros passos, traduz-se já em 1949 pela integração de Don Juan Capó, primeiro como vice-Director Espiritual, depois como Director Espiritual, no Conselho Diocesano dos Jovens da Acção Católica da ilha (a partir do qual agiam então

¹ Considerada a provavelmente mais longa Carta Pastoral alguma vez publicada por um Bispo. Foi traduzida para Português pelo Dr. Henrique Barrilar Ruas e editada pelo Sec. Nacional de Portugal em 1965. *(Nota do tradutor)*

os iniciadores leigos dos Cursilhos) e sem cujo apoio pessoal e doutrinal não é possível conceber aquilo que os Cursilhos vieram a ser.

Ainda que a exposição que se segue contenha referências históricas, não é uma história do MCC, pelo que decepcionaria quem a considerasse como tal. É simplesmente a história de uma inquietação. E esta inquietação consideramos que foi e continuará a ser parte essencial da verdade e da história do MCC.

Parece-nos válida e digna de ser meditada a preocupação que jaz latente em “Cursilhos de Cristandade, uma realidade ainda não realizada”. É um texto apaixonado que opta sempre pela pessoa e pelo Evangelho, face à sua instrumentalização ou à sua redução a estruturas inertes.

Este documento não é, sequer, um estudo teórico e asséptico. Estamos convictos de que se a sua intenção fosse esta, os seus autores o teriam matizado mais e completado algumas das suas afirmações. É um texto vivo, que, não duvidamos, semeará a inquietação e a esperança que se propõe criar. Poderíamos dizer que não pretende ser um tratado de Medicina, mas um medicamento.

Pela nossa parte, como Secretariado, continuaremos empenhados em que a realidade dos Cursilhos de Cristandade venha a realizar-se plenamente, em sintonia com aqueles que nos antecederam dando impulso a todas as iniciativas válidas e, entre elas, a este “Manifesto” que consideramos lúcido e oportuno e que, acima de tudo, sabemos que responde à já larga experiência dos seus autores nestas lides e com os quais partilhámos já tantas horas, alegrias e contradições.

Pelo Secretariado Diocesano dos Cursilhos de Cristandade de Maiorca,
António Bernat, Coordenador.

MANIFESTO

História e Lenda

À medida que se vão sucedendo factos, acontecimentos, situações, vai-se urdindo o tecido da História. Quando aquilo que acontece é algo relevante, não corriqueiro ou insólito, costuma polarizar-se a atenção da opinião pública que, automaticamente, formula os seus juízos de valor com base em critérios diferentes e até contraditórios.

À volta do acontecimento ou realidade que sai dos parâmetros habituais, formam-se, inevitavelmente, critérios e opiniões que desembocarão num vasto espectro de interpretações.

Se o acontecimento é verdadeiramente relevante e significativo, com notória repercussão na vida, a tarefa de o historiar objectivamente, é sumamente complicada, já que é normal que proliferem as fantasias, os juízos prévios, as lendas e as “estórias”, ao ponto de eclipsar, dificultar e complicar tremendamente a visão clara e transparente da verdadeira história.

Poucas vezes isto é tão verdadeiro como quando se trata de relatar a história autêntica dos Cursilhos de Cristandade.

A afirmação segundo a qual a História é sempre escrita pelos vencedores, talvez seja tão antiga como a própria História. E as coisas complicam-se ainda mais quando se aplica aquela expressão que diz “cada um fala da feira conforme a viu”.

Nesta perspectiva não é de estranhar que existam relatos diferentes e crónicas e cronistas diversos da mesma feira. E que todos, nas suas descrições, enfatizem determinados pontos que os façam ganhar pontos aos olhos dos outros.

Com este objectivo centram a história naquilo que eles protagonizaram, mesmo que não se trate de acontecimentos muito importantes; além disso relatam os acontecimentos básicos em que participaram como comparsas ou como críticos, insinuando um protagonismo que nunca existiu.

A objectividade quimicamente pura é quase impossível, pois é diferente a perspectiva de cada um.

Os que planearam a feira, os que a montaram, os que nela fizeram um bom negócio, os que quase se arruinaram, os que sofreram algum acidente, os que lá foram para passear, os que nela encontraram noiva, têm sem dúvida uma visão e fazem uma abordagem muito diferente ao avaliá-la.

Desde aqueles que com a “feira” dos Cursilhos arrecadaram grossa fatia, transformando o seu ofício em benefícios ou tentaram utilizar os Cursilhos para potenciar associações já corroídas pelo tempo ou para pôr a flutuar alguma associação religiosa ultrapassada, até aos que levaram numerosas pauladas por a terem planeado, preparado ou montado, há toda uma gama de atitudes, opiniões e

critérios que permitiriam até montar uma outra feira, sobretudo se esta fosse de vaidades, de primeiros planos, de “sardinhas puxadas à sua brasa”.

Ainda que possa parecer anedótica, é curiosa a importância que, na transmissão oral e na avaliação que da história dos Cursilhos de Crisandade lhe deu muita gente de boa fé, e que teve um efeito cada vez mais repetitivo.

Hoje que toda a gente viaja, que se organizam tantas e tão variadas coisas: semanas, cursos intensivos, cursos de verão, cursos técnicos, etc., em que participam pessoas de tão diferentes latitudes, acontece frequentemente que algum espanhol (ilhéu ou continental) assista a algum deles.

E se se trata de actividade piedosa, surge, como que obrigatória, a pergunta: “Tu que és de Maiorca, tu que és Espanhol, diz-me lá, o que é isso dos Cursilhos?”

E como a alguns se torna embaraçoso dizer que nem sequer têm ideia, costumam começar a inventar. Se o perguntado viveu a experiência dum Cursilho ou de algum dos seus sucedâneos, na sua juventude, mas não soube ou não quis vivê-los nessa altura, ou não mantém agora os valores básicos do método, é muito natural que diga que os cursilhos não têm nem tiveram qualquer importância e até manifeste admiração por coisa tão insignificante ter chegado tão longe.

Quando os cursilhos estiveram mais na moda, em Maiorca e em grande parte de Espanha, um pouco antes da desconcertante e surpreendente pastoral do Dr. Enciso,² toda a gente dizia que tinha participado no primeiro de todos. E de tal modo chegou a abusar-se desta afirmação, que, se fosse verdadeira, não teriam sido suficientes não só Cala Figuera³ ou San Honorato,⁴ nem tão pouco o Mosteiro do Escorial.

É inquestionável que os Cursilhos tiveram a sua gestação e nasceram em Maiorca, na década de quarenta e não foram obra do acaso nem da improvisação. Nasceram com a sua essência e finalidade.

Neste momento e nesta exposição, não pretendemos relatar a história pormenorizada dos Cursilhos; nem sequer fazer um relato apologético e justificativo; muito menos ainda um memorial de agravos. Procuramos sublinhar a intenção com que nasceram os Cursilhos e confrontar a posterior evolução e a sua realidade actual com aquela intenção originária básica porque nos preocupa profundamente a distância que sentimos entre ambas.

Tudo o que tem vida deve crescer e progredir e para que se torne efectivo exige uma criatividade e e criticidade permanentes.

² Substituiu Don Juan Hervás como Bispo de Maiorca tendo publicado em 25 de Agosto de 1956 uma Carta Pastoral em que manda suspender toda a actividade dos Cursilhos de Crisandade na sua Diocese. (Historia Y Memoria de Cursillos, Francisco Forteza Pujol, cap 21- La “Pastoral” del Doctor Enciso e Historia de los Cursillos de Cristiandad Mallorca, 1944-2001, Guillermo Bibiloni, Pág. 99 e seg. (NT)

³ Localidade em que decorreu o **primeiro cursilho**, de 20 a 23 Agosto de 1944 (NT)

⁴ Local de realização do Cursilho nº 1 (primeiro **numerado**), de 7 a 10 de Janeiro de 1949 (NT)

Aquilo que tem vida, ao crescer e desenvolver-se, vai afirmando as suas linhas essenciais, o que lhe é normal e intencional, ou separa-se delas e perde a sua identidade.

O princípio do princípio

A génese do Movimento dos Cursilhos há-de procurar-se na repercussão que teve o conhecimento do ambiente de então, nos jovens leigos que procurámos estudá-lo a fundo nos anos quarenta.

A inquietação que nos provocou, ficou plasmada na estrutura e desenvolvimento do rolho⁵ “Estudo do Ambiente”, que foi o primeiro de todos e que originou e deu azo a que se pensassem e estruturassem todos os outros.

O ESSENCIAL DO REFERIDO ESTUDO É:

1. A identificação entre ambiente e relações interpessoais.

Não são as estruturas – cuja importância é indubitável – mas sim a comunicação entre as pessoas que determinam o ser, o estado e a dinâmica dos ambientes.

2. Que as referidas relações interpessoais se estabelecem em três planos distintos, que, nos termos da moderna psicologia social denominaríamos:

- Um nível de identidade (relações connosco próprios) que se centra na relação de cada um consigo próprio e se desenvolve entre aqueles que, pela sua própria afirmação, podem realmente exprimir-se na primeira pessoa do plural (“nós pensamos, dizemos, propomo-nos..., etc.)”
- Um nível de alteridade (o das relações com aqueles que estão ao nosso lado, na vida, - os nossos companheiros) – que exprime proximidade, sem identificação.
- Um terceiro nível, o dos que nos rodeiam (os outros ou o ambiente em geral), com os quais a comunicação é esporádica ou acontece apenas a nível colectivo.

3. Que o relacionamento próprio de cada nível é e deve ser diferente, não tanto por “táctica” mas pelo respeito pela situação de cada pessoa em relação a si própria. Toda a eficácia na fermentação do ambiente baseia-se na adequada relação de cada um consigo próprio e depois na relação entre “nós”. Mas relacionarmo-nos com “os que nos acompanham no dia a dia” como nos relacionamos connosco próprios e entre nós ou como nos relacionamos com simples conhecidos é a causa da falta de comunicação existente entre aqueles que possuem o gozo da Fé e aqueles que ainda não tiveram a sorte de descobrir o Evangelho.

⁵ Palestra simples, despretensiosa, em que se proclama alguma doutrina ilustrada com alguma experiência de vida. O termo original (Rollo) seria usado na gíria académica da época para designar uma lição não agradável de ouvir... (NT)

4. O desconhecimento que costumamos ter dos outros aconselhou a que se incluísse no rolho uma lista de atitudes, uma tipologia que, sem dúvida, rompia com as esquematizações em uso que, ou se baseavam em juízos de valor ou em circunstâncias estranhas à pessoa.

Sem pretendermos sacralizar esta tipologia incluída no Estudo do Ambiente, a verdade é que foi um salto para passarmos dos esquemáticos “bons e maus”, “crentes e não crentes”, “praticantes e não praticantes”, “cultos e incultos”, “ricos e pobres”, a um posicionamento que exigia conhecer e aproximar-se da pessoa – de cada pessoa – sem exclusões nem juízos prévios.

Assim identificávamos:

- Os que crêem em Deus, amam a Deus e querem fazer o bem;
- Os que crêem em Deus, amam a Deus e querem estar bem;
- Os que crêem em Deus e nada mais;
- Os que não crêem porque não conhecem Deus; e
- Os que não crêem porque recusam Deus.

Não se trata de etiquetar posturas, mas de deixar de avaliar e julgar as pessoas apenas pela aparência, isto é, sem as conhecer.

Note-se que dos três tratamentos diferenciados que propúnhamos para cada um dos “níveis” de comunicação, nascem, por indução, os três elementos básicos do método dos Cursilhos.

O que propúnhamos para “os outros” ou o **“ambiente em geral”**, dá lugar à articulação do **“Pré-Cursilho”**; o previsto para “os que nos acompanham na vida” (**os nossos companheiros**, semelhantes ou vizinhos) é, nem mais nem menos, o que justifica o Cursilho; e o que preconizávamos na frente do “nós próprios” é a base de Pós-Cursilho.

Talvez valha a pena recordar que no segundo plano – Cursilho – indicávamos que o caminho lógico é a aproximação da pessoa, e iniciar a relação “pelo coração”, para continuar pela inteligência (a cabeça, nos primeiros textos), só depois se devendo estimular a sua vontade, para que ela, na sua integridade, possa reconciliar-se consigo, com a realidade e com Deus. Compare-se este itinerário, por exemplo, com a trajectória sequencial dos rolhos dos leigos⁶ do cursilho:

O Homem pode ser mais e melhor

IDEAL

Pode sê-lo onde está

LEIGO NA IGREJA

SE:

descobre o seu coração com espontaneidade PIEDADE

⁶ Rolhos-Rolhos (NT)

assume a sua inteligência, com convicção	ESTUDO
orbita a sua vontade com decisão	ACÇÃO
e a sua pessoa na sua globalidade	DIRIGENTES
e se aceita que a sua realidade está integrada por pessoas	ESTUDO DO AMBIENTE
a quem pode ajudar	CRISTANDADE EM ACÇÃO ⁷
Sempre que se realize numa forma pessoal	O CURSILHISTA PARA ALÉM DO CURSILHO
Em amizade	REUNIÃO DE GRUPO.

O mesmo poderíamos fazer com o que aquele primeiro rolho prefigura do Pré-Cursilho e Pós-Cursilho.

O essencial é captar que esta ideia germinal, concebida para nos aproximarmos das pessoas sem as manipular, em nada aponta para a mera presença de tais pessoas nuns actos, nem para a sua militância em determinado sector, profano ou intra-ecclesial. Não procurávamos que as pessoas assumissem novos compromissos, mas que aceitassem dar sentido ao próprio compromisso, àquele que na realidade já têm, se não forem manipuladas previamente. A este compromisso que nasce da vida e especialmente da convivência, desejávamos – e continuamos a desejar – convertê-lo num compromisso de amizade.

Nada mais. Mas também, nada menos.

O estudo sério e a prática imediata e concreta de tudo isto, levou-nos ao conhecimento e ao convencimento de que a verdade do especificamente cristão não era encarnada, na sua vida, por aqueles que se consideravam cristãos: o essencialmente evangélico ficava desvanecido nas realidades que se viviam, porque não era captado, na sua profundidade viva, mas apenas se vislumbrava

⁷ Designação anterior de Comunidade Cristã (NT)

nalgumas conotações periféricas, orientado, sem dúvida, mais para o cumprimento apagado e sem energia, que para o seu sentido iluminador e dinamizador da vida da pessoa.

Esta visão, que ia esclarecendo muitas coisas, incluía o não pequeno risco de nos sentirmos espectadores lúcidos de certos acontecimentos, em vez de nos levar a saber-mo-nos e a sentirmo-nos implicados com os mesmos, com o próprio mundo e comprometidos na mesma aventura.

A consciência do sério perigo que sempre corre o cristão, quando não consegue captar o sentido profundo da parábola da boa e da má semente, leva-o, frequentemente, a constituir-se juiz de vidas e comportamentos, julgamento que sem qualquer dúvida, pertence, evidentemente, ao Senhor.

O rotular, alegremente, de bons e maus não faz mais que aprofundar, desnecessariamente, o imaginário abismo com que procuramos separar uns dos outros, privando-nos do bem mútuo e recíproco que um contacto humano e sincero, traria a todos.

Desde o princípio do princípio dos Cursilhos se procurou uma aproximação amistosa daqueles que não pensavam nem se comportavam como nos tinham ensinado que deviam comportar-se as pessoas de Igreja e surpreendeu-nos ir comprovando, com sucessivas e contundentes evidências, que a Boa Nova era mais bem captada e entendida em áreas alheias e afastadas do que naquelas que, habitualmente, se vinham designando de cristãs. E que isto extravasava os limites do apostolado organizado. Havia que passar da preocupação estrutural à personalista, da tentação de um dirigismo profissionalizado à atitude de caminhar juntos.

Isto fez-nos pensar, reflectir e continuar a aprofundar a força real e inaudita que, na realidade concreta que vivíamos, tinham as palavras do Senhor: “os últimos serão os primeiros. Não vim procurar os justos mas os pecadores”, e dos que trabalharam menos e receberam o mesmo salário, etc.

Primeiras realidades

Estas realidades evangélicas ao tornarem-se carne e vida nos acontecimentos do dia a dia, começaram a multiplicar em nós, entre nós e junto de nós, frutos próximos, visíveis e palpáveis em homens feitos e direitos, cuja realização e plenitude tinham sido provocadas, orientadas e mantidas pelo encontro com Cristo e com os irmãos, acontecido num Cursilho e confirmadas e desenvolvidas no clima duma reunião de grupo, o que confirmou que a intuição, fruto do estudo, tinha categoria de método.

À medida que os acontecimentos se iam sucedendo, ao i-los confrontando com o Evangelho, iam-nos iluminando e esclareciam-nos os passos seguintes.

Tanto as confirmações como as contradições com que nos íamos deparando, iam-nos clarificando os conceitos. Sempre se procurou, para depurar a intenção, “falar a Deus dos homens, antes de falar de Deus aos homens”.

A partir daí tudo foi normal, humano e natural. Uma vez mais comprovámos que o Evangelho dá vigor, impulso e orientação, mas não violenta nem desvia os acontecimentos do seu percurso normal, mas condu-los à sua finalidade, na mais absoluta lhanza e simplicidade. E assim aconteceu.

Depois de muito pensar, reflectir e aprofundar sobre acontecimentos que nos mantinham assombrados e indecisos, em contacto vivo com os indivíduos que os protagonizaram, vimos que o válido, o verdadeiramente surpreendente, era tudo o que de bom a semente evangélica, ao frutificar, ia conseguindo no íntimo dos indivíduos que aceitam o repto de tender a serem pessoas. Centrando vidas, alentando esperanças, despertando vontades, suscitando iniciativas, reduzindo egoísmos, e vivendo a vida com mais garra, com mais ânimo, com mais sentido, com mais plenitude.

Tudo isto nos ia dando um conceito cada vez mais exacto do que é verdadeiramente o fascinante e imparável processo de fermentação do Cristianismo no Homem, nos Homens e na sociedade, quando, com honestidade, simplicidade e recta intenção, nos vamos dando conta de que se trata de uma só coisa: fazer jogo limpo com as coisas de Deus, tomando a sério o mundo dos homens.

Se tivéssemos que fazer um inventário das dificuldades com que nos fomos deparando pelo caminho, e do que aconteceu na nossa vida e o que é mais importante, o que ia provocando na vida de muitas pessoas, podemos dividi-las em dois grupos:

As que provinham dos nossos irmãos mais velhos, portando-se muitas vezes, mais como “mais velhos” que como irmãos, e as que iam provocando com a sua por vezes desbocada e atrevida vitalidade apostólica, os irmãos pródigos recém chegados.

Para os primeiros, apesar da sua indubitável boa vontade, o cursilho era sempre um novo acontecimento na vida, mais ou menos revulsiva à sua monotonia quotidiana. Para os segundos era algo novo que os fazia ver a vida como um contínuo e fascinante acontecimento.

Os primeiros não tinham qualquer dúvida acerca da veracidade do Evangelho, mas tornava-se-lhes insólito verem-se confrontados com a evidência da sua poderosa eficácia, quando era praticado com fé, na arena da vida, por pessoas que, distantes da sua forma rotineira de o entender e praticar, o viviam e de forma persistente o proclamavam com as suas vidas, com o vigor duma estreia.

Suscitaram-se incompreensões e oposições e o pitoresco do caso era que aquilo que as suscitava era o santo zelo com que cada um defendia o que considerava verdadeiro.

Desde o início, o que estávamos a planear ao serviço da pessoa, sem a retirar do seu meio vital, tentou instrumentalizar-se, sem dúvida com a melhor intenção, por aqueles “irmãos mais velhos”, pondo-a ao serviço da Acção Católica primeiro, da Pastoral Diocesana depois, etc., o que, não parecendo contraditório, é distinto.

Os Cursilhos não se opõem a que os cursilhistas prestem uma colaboração pessoal activa a nível diocesano, paroquial, etc., e foram e continuarão a ser muitos os cursilhistas que fazem parte dos quadros de militantes ou dirigentes duma grande variedade de associações, eclesiais ou cívicas; o que realmente pensamos é que ao fazer isto baixamos a barra, já que o cursilho, indubitavelmente, aponta e está orientado para uma meta muito mais eficaz e efectiva, pela convincente razão de ser ela de maior e mais rápida inserção no mundo.

Já desde a primeira hora, quando o Movimento levava os seus iniciadores de assombro em assombro, houve que encontrar horas de sossego para explicar à opinião eclesial estupefacta, em que fundamentos de experiência e doutrina se baseavam os cursilhos. Assim nasceu, em 1955, *“El Cómo y el Porqué”*, publicado na revista *“Proa”*, e logo em 1971 e 1973, em primeira e segunda edição, pelo Secretariado Nacional de Espanha.

Duas visões da finalidade

Aos que mantivemos a liberdade de decisão pessoal, numa altura em que vigorava, quase em exclusivo, o apostolado organizado, é-nos mais fácil agora continuar a mantê-la, quando teólogos e o Concílio Vaticano II no “Decreto sobre o Apostolado dos Leigos”, reivindicaram a liberdade e o pluralismo dos leigos na Igreja e ampliaram os limites e as formas válidas de ser cristão no mundo.

Verdade seja dita que é um facto inquestionável que, ao longo de toda a história do Movimento dos Cursilhos, existiram sempre duas formas de o entender e, conseqüentemente, também duas formas de o conduzir e orientar para a sua finalidade.

Uns crêem que é apenas para dar vitalidade às estruturas e organizações já existentes, fazendo o mesmo de sempre, com melhor espírito; e outros que crêem que o Movimento se se lhe dá espaço para que viva, com a sua estrutura básica de reunião de Grupo, Ultreia e Escola, pode levar, pela sua própria dinâmica, a Boa Nova do Evangelho até aos mais profundos recônditos da vida humana, individual, familiar e social.

O desmedido e por vezes desarraigado zelo de cada uma das visões foi-se tornando patente em diversas situações e circunstâncias.

Talvez muitas delas estejam expressas nas palavras que um homem que provinha de ambientes hostis e obstinados e muito pouco propícios aos critérios e práticas da nossa Religião, disse, em determinada altura ao seu Bispo, no final dum Cursilho: “Você não pode saber nem entender o que eu sinto agora, ao ter-me encontrado com Cristo. Você teve-O sempre. Eu não. Por isso apenas posso dar-lhe a entender, palidamente, o que sinto. Que lhe hei-de dizer? É como se um cego de nascença visse pela primeira vez um céu estrelado, o sorriso do seu filho ou a cara de sua mãe”.

Era a graça explosiva do último dia do cursilho, quando a vida de todos se transforma num cântico, e o cântico se faz vida na vida de todos.

Àqueles que, por tradição, por inércia ou rotina têm vindo a viver a boa nova do Evangelho como se não acreditassem que é boa e sobretudo como se não fora nova e capaz de renovar tudo, é-lhes difícil compreender, encaixar e sobretudo acolher o entusiasmo inconveniente e nem sempre contido, dos recém convertidos.

Aos zelosos guardiães da Lei torna-se-lhes difícil ir percebendo que as coisas são simples, para o homem centrado e orientado por Cristo.

Os cursilhos nasceram impulsionados por um inconformismo juvenil que umas vezes foi lúcido e reflexivo e outras transbordante e até arrasador.

O que se pretendia era – e o que pretendemos continua a ser – dar a entender às pessoas que o Evangelho, além de verdadeiro, é possível no campo da vida normal; e além de possível, eficaz. E que a sua verdade, a sua possibilidade e a sua eficácia é provável e comprovada, real e imediatamente, quando a pessoa se dá conta de que se trata de começar a partir de dentro de cada um e desde já.

Numa palavra, quando o conhecimento e a fé convicta na verdade do Evangelho significa, contém, garante, proclama, expressa, expande e agudiza o imperativo inquestionável de ter de o tornar vida, na vida.

“Não é isso, não é isso”

O facto de termos estado metidos no Movimento dos Cursilhos desde os seus inícios, entendemos que nos obriga a ter que exclamar, com aquela frase de Ortega “Não é isso, não é isso”, perante a imensa proliferação de ramificações que chegaram, não só a desviar mas também a prostituir a finalidade concreta e específica do Movimento, fazendo-o derivar para coisas que por muito boas que possam vir a ser, nunca poderão chamar-se Cursilhos de Cristandade, sem faltar à verdade, já que o não são nem, muitas vezes, o parecem.

E ainda mais. Temos que afirmar que os Cursilhos quase nunca foram, realmente, “isso” que se pretendia; que os Cursilhos, na sua integridade, estão por estrear; e isto pela simples razão de que o Evangelho na vida quotidiana, tal como a dinâmica do Pai-Nosso e das Bem-Aventuranças estão também por estrear.

O específico do Movimento é pôr ao alcance do homem concreto o fundamental cristão. Conseguir que a liberdade do homem se encontre com o Espírito de Deus. O qual transbordará sempre de toda a programação e chocará com toda a tentação fácil de encaixilhar e enquadrar algo tão fluido e espontâneo como o encontro das pessoas com o Evangelho de Cristo.

Os Cursilhos pretendem provocar a fome de Deus, em vez de procurar meios para a saciar.

Vão à procura das pessoas em vez de ir à caça de personagens.

Vão da pessoa à realidade e à estrutura e não da estrutura à pessoa.

Não pretendem criar novos compromissos às pessoas, mas criar compromissos entre as pessoas, cujo meio, estímulo e meta seja a amizade, para, a partir dela, chegar até onde for possível.

Não (pretendem) insistir com interesse “desinteressado” para que se tome algum caminho apostólico e concreto, já aplanado e preparado por outros, sem que, a partir do clima de amizade, possa ir amadurecendo a sua convicção, a sua decisão e a sua constância.

Sabemos que o homem de hoje, mais que respostas para tudo, o que quer é poder fazer perguntas, que haja clima em que as possa fazer, com esperança e possibilidade de encontrar, por si próprio, a resposta.

Ao fazer estas afirmações não pretendemos defender uma ortodoxia metodológica; o núcleo do fatalmente despistante, e por isso perigoso, está em complicar alegremente a simplicidade dos Cursilhos que vai toda dirigida ao essencial, para outros rumos que são, sem dúvida, bons mas não fundamentais. O grave não é disfarçar o caminho com adornos, mas desvirtuar a sua finalidade. O difícil é o acompanhamento das pessoas e partilhar com elas o “força associativa” da amizade, a aventura de viver com entrega e constância de caras com Deus e com os irmãos, atitude que nunca pode ser suprida por programações apriorísticas em que não tenha primazia a pessoa e a sua caminhada para Deus.

Aquilo que nos preocupa de verdade, aquilo que o rumo que tomam as circunstâncias está a converter quase em obsessivo, não é o método pelo método, mas demonstrar que o método não está já nítida e simplesmente ao serviço do fundamental cristão, mas que a sua energia, a sua força e o seu vigor se utilizam para aumentar a proliferação da fauna e da flora das coisas piedosas já existentes, em quantidades astronómicas, na Santa Igreja de Deus. E quando se invoca o álibi do progresso e da adaptação para sair do enfoque original, o perigo é ainda maior.

O pior de tudo é que se alterou o sentido dos Cursilhos. **O erro não é de cálculo mas de rumo**⁸. E com este rumo diferente, os Cursilhos continuam a ter uma indiscutível eficácia (e ainda maior se o que se pretende é criar comparsas meramente intra-eclesiais de gente pia, obediente e disponível), é muito difícil que os que, conscientemente, são causa disto, possam aperceber-se.

Talvez nunca possa conhecer-se a deterioração da ponta de lança do Cristianismo no Mundo, nem a quantidade nem a qualidade das pessoas que colocámos fora do alcance da mensagem, por tê-lo sobrecarregado (ao cursilhista) desnecessariamente – umas vezes no próprio cursilho outras depois –

⁸ Sublinhado do tradutor.

empolando as verdades de fé com outras que não vêm do Evangelho, mas de teorias ocasionais e contingentes, conforme os tempos e circunstâncias.

Para que o *ser cristão* germine, cresça e frutifique na pessoa, com espontaneidade, dinamismo e oportunidade, deve ela conservar esta sua plena liberdade de decisão e actuação. E isto consegue-se se se insere num clima de Evangelho e amizade que lhe patenteie a certeza daquilo que experimentou no cursilho continua a ser verdade na vida dos seus novos amigos, que lhes dói se alguma vez deixa de o ser, e que muitos continuam empenhados em que o vá sendo.

Esta capacidade de afirmar-se a si próprio, por si próprio e a partir de si próprio, em vez de ser potenciada, vê-se, quase sempre, coagida e até ameaçada pelo projecto prévio que aqueles que o iniciaram nas verdades do Evangelho já tinham traçado e delineado para ele, sem contar com a sua vontade, a não ser para conseguir o seu consentimento.

Conclusão

Em síntese, o âmago⁹ dos cursilhos, na sua verdade mais profunda, acredita que o encontro real consigo próprio é a estrutura que torna possível o encontro com os outros e com o Evangelho.

Em contrapartida, as realidades que se autodenominam Cursilhos de Cristandade, tendem, com preocupante frequência, a orbitar pessoas que, ao refugiar-se no misticismo ou ao desintegrar-se no activismo, evidenciam que não existiu, ou continua a não existir, esse encontro básico com o seu próprio ser e com o sentido das suas vidas.

Esta realidade corresponde a uma rotura entre o Cursilho e o Pós-Cursilho – fé e vida – como consequência da mudança de rumo na finalidade e que produziu como resultado no mínimo, possível, a ausência actual de muitos que quiseram e poderiam dar muito, especialmente os de personalidade mais forte e os de circunstância mais complicada.

Para alguém que considere que o que agora dizemos é verdade não explicitada antes, a reacção madura e portanto evangélica, será um retorno activo à simplicidade do inicial, sempre necessitada do contributo de todos.

A unidade de mensagem e a plena personalização sempre foram e continuam a ser possíveis.

Maiorca, 1981.

Tradução de Gaspar da Silva – MCC Santarém,

⁹ No original: *el despiece*, termo apenas encontrado com o sentido de “decompor em partes”. (NT)